

Ensaio de campanha

O candidato Fernando Henrique Cardoso confirmou, na Espanha, o que já provara na maratona de entrevistas ao jornalista e escritor Roberto Pompeu de Toledo, enfeixadas no livro *O presidente segundo o sociólogo*, de leitura indispensável para quem se interessa pelo presente e o futuro do país: é um presidente-candidato com a cabeça arrumada, estratégia de campanha definida e discurso pronto para subir ao palanque e assumir o microfone no horário de propaganda eleitoral.

Não há espaço para surpresas no roteiro do óbvio. Mas, não deixa de ser pelo menos curioso que o presidente tenha aproveitado a oportunidade de uma reunião no exterior com empresários espanhóis, para o teste ou o ensaio do tema que será o carro-chefe da jornada para dobrar o mandato.

Possivelmente, nada premeditado. Posto diante de platéia receptiva, mandou o recado com que espera sensibilizar o eleitorado: o compromisso de manter a política econômica, dando continuidade às reformas no cenário de estabilidade do real.

Certo, o discurso não poderia ser outro em candidato que inaugura a novidade da reeleição, arrancada do Congresso da forma que se sabe. Nem por isso, o esperado dispensa o registro.

Fernando Henrique não se acautelou na aberta e explícita fala na cadência do candidato. Abriu o jogo: "Não sou favorável a mudanças de políticas nem de ministros. Isto vale para tudo, especialmente para a área econômica". E, no embalo que acalentou o auditório atento e gratificado do encontro com os representantes da Confederação Espanhola de Organizações Empresariais (Ceo) foi mais fundo para dissipar dúvidas dos hesitantes: "Enquanto eu for presidente agora, ou se no futuro me apresentar como candidato e ganhar, não vamos ter surpresas. Temos direção definida e isso é algo fundamental."

Descontada a condicional do protocolo da conveniência – mas, que soa falso em quem, no primeiro ano do mandato, definiu a reeleição como prioridade política do governo, paralisando a tramitação das reformas no Congresso em manobra de risco temerário –, todo o resto do recitativo correu como mel nos ouvidos empresariais de interessados confessos em abiscoitar lucros, investindo na abertura da economia do país do ilustre visitante.

Portanto, nada demais. Conferir o sabido no lance em que se joga nosso destino justifica o exercício de seguir o traçado do previsível até onde ele pode ser antevisto.

O favorito ratifica o estilo e as normas que pretende impor na campanha. Desvenda os pressupostos em que assenta sua tática. Em primeiro lugar, campanha curta, confinada aos 40 dias de horário eleitoral, sem debates, a mais tranqüila possível. O eleitor será convidado a decidir o voto em casa, na lombeira relaxante das pressões e canseiras do dia de trabalho, depois do jantar, do noticiário e das novelas. Na hora propícia para ser cooptado pela conversa fluente e macia do sociólogo, treinado na longa experiência de professor a expor e convencer. Não pretende entrar em polêmica, fugindo das tensões para o remanso reflexivo. O mais fica por conta da lábia para vender o pacote da reeleição, embrulhado no papel colorido da estabilidade política e econômica e atado com o nó da reafirmação do compromisso no prosseguimento das reformas.

A oposição está devidamente informada das disposições do adversário. Tentará arrebatá-lo do presidente a bandeira das mudanças, com as complicadas ressalvas do apoio parcial a estabilidade econômica conjugada à criação de empregos, o estímulo às empresas. A fórmula mágica será anunciada no programa da frente oposicionista, que agora, depois da crise do PT, começará a ser elaborado.